





Os Segredos do Santo Graal

*Um estudo
aprofundado
das lendas e mistérios*



Os Segredos do
Santo Graal



*Um estudo
aprofundado
das lendas e mistérios*

Jessie L. Weston

*Tradução:
Ana Lúcia Mantovani Ferreira*

大有
TAHYU

Prefácio

O leitor encontrará no Capítulo introdutório o objetivo e o objeto destes estudos estabelecidos em detalhes. Tendo em vista a importância e complexidade dos problemas envolvidos, parece melhor incorporar esta declaração ao próprio livro em vez de relegá-la a um Prefácio que muitos poderiam não se dar ao trabalho de ler. Ainda assim, sinto que essa declaração geral não expressa apropriadamente todos os meus débitos de obrigação.

Entre os muitos, cujos trabalhos foram colocados como contribuição nas páginas a seguir, existem determinados estudiosos cujos trabalhos publicados ou aconselhamentos pessoais foram especialmente esclarecedores, e a quem é, portanto, devido um reconhecimento específico. Como a muitos outros, devo ao Sr. J. G. Frazer a inspiração inicial que me colocou, como posso verdadeiramente dizer, no caminho para o Castelo do Graal. Sem a orientação de *The Golden Bough* eu deveria, como o falecido Sr. Gaston Paris felizmente o expressou, ainda estar vagueando na floresta de Broceliande!

Durante o Festival de Bayreuth de 1911, tive oportunidades freqüentes de encontrar, e discutir com o Professor Von Schroeder.

Os Segredos do Santo Graal

Devo a ele, não apenas a introdução a seu próprio trabalho, que considere muito útil, mas as referências que foram de grande auxílio; sendo, por exemplo, devido ao Professor Von Schroeder meu conhecimento de *Les Religions Orientales* de Cumont e o valioso estudo de Scheftelowitz em *Fish Symbolism*, tendo ambos fornecido ligações importantes na cadeia de evidência.

O exame de *Themis* da Sra. J. E. Harrison abriu meus olhos para a ampla importância destes rituais de Vegetação. Em vista da evidência ali citada, me pergunto, se as crenças encontraram a sua expressão não apenas na instituição social, mas nos costumes populares ou conforme as estabelecidas no estudo do Sr. G. Murray nas Origens do Drama Grego, em apenso a esta obra, e também em Drama e Literatura. Não poderiam razoavelmente — mesmo inevitavelmente — esperar que tivessem deixado uma marca em Romance? Um, pareceu-me um resultado necessário do outro, e sinto que ganhei, como resultado do trabalho da Sra. Harrison, uma base mais ampla e segura para minhas pesquisas. Não estava mais simplesmente ligada em investigar nas fontes de uma lenda fascinante, mas na identificação de outro campo de atividade, em forças cuja potência como agente de evolução estamos somente agora começando a apreciar corretamente.

Finalmente, uma referência eventual, no trabalho de Anrich sobre os Mistérios, para o *Naassene Document*, me fez solicitar ao Sr. G.R.S. Mead, com quem tive uma agradável experiência, durante alguns anos, seu conhecimento da fronteira misteriosa entre Cristianismo e Paganismo, e a possibilidade de colocar esse conhecimento à disposição de outros. O Sr. Mead fez referências à sua própria tradução e análise do texto em questão, e encontrei ali, para minha satisfação, não apenas a ligação final que completou a cadeia de evolução, a partir do Mistério Pagão à Cerimônia Cristã, mas também a prova de que estava começando a apreender um significado mais amplo. O problema envolvido não era de Folclore, nem mesmo de Literatura, mas de Religião Comparativa em seu sentido mais amplo.

Assim, enquanto confio que meus colaboradores no campo de pesquisa sobre Artur aceitarão estes estudos como uma contribuição permanente para a elucidação do problema do Graal, eu esperaria com prazer que aqueles estudiosos que trabalham em um campo

Os Segredos do Santo Graal

mais amplo, e a cujos trabalhos devo tanto, possam encontrar nos resultados aqui estabelecidos os elementos que podem provar o valor real no estudo da evolução da crença religiosa.

J. L. W.
Paris,

October, 1919.

ÍNDICE

<i>Capítulo I</i>	
<i>Introdução</i>	17
<p>Natureza do problema do Graal. Caráter insatisfatório dos resultados alcançados. Objeções da origem legendária cristã; para a origem de Folclore. Os elementos em ambas as teorias sólidas. Solução a ser procurada em uma direção que faça justiça a ambas. <i>Golden Bough</i> do Sr. J. G. Frazer indica uma possível linha de pesquisa. A crítica do Sr. W. Ridgeway da examinada teoria da <i>Vegetação</i>. <i>Dramas e Danças Dramáticas</i>. O Rei vivo e não morto, o fator de importância. Impossibilidade de provar a origem humana para a Divindade de <i>Vegetação</i>. Não a Morte, mas a Ressurreição, o centro principal do Ritual. <i>Muharam</i> muito tarde na data e falta do caráter de Ressurreição. Relação entre os heróis mortos e locais especiais. Santidade possivelmente antecedente à conexão. <i>Mana</i>, não necessariamente um caso de relíquia. Armas manuais freqüentes em Romance Medieval. A teoria do Sr. J. G. Frazer confirma-se. Observações sobre o método e projeto dos estudos atuais.</p>	
<i>Capítulo II</i>	
<i>A Tarefa do Herói</i>	26
<p>Essencial determinar a natureza original da tarefa imposta ao herói. As versões examinadas. As formas de GAWAIN — <i>Bleheris, Diû Crône</i>. As versões de PERCIVAL — <i>Gerbert, prose Perceval, Chrétien de Troyes, Perlesvaus, Manessier, Peredur, Parzival</i>. GALAHAD — <i>Queste</i>. Resultado, a tarefa principal de curar o Rei Pescador e a remoção da maldição da Terra Devastada. Os dois interdependentes. A doença do Rei acarreta infortúnio na Terra. Investigação da natureza da incapacidade do</p>	

Rei. *Sone de Nansai*. Para a elucidação do problema, é necessário ter em mente a conexão íntima entre Terra e Regente. Importância do *motivo* da Terra Devastada para a crítica.

Capítulo III

A Liberação das Águas 36

A investigação pode começar com a antiga tradição ariana. O *Rig-Veda*. A extrema importância designada ao feito de Indra de “Liberação das Águas”. Este é também a realização específica dos heróis do Graal. Os resumos do *Rig-Veda*. Os poemas e monólogos dramáticos. A teoria do Professor von Schroeder. *Mysterium und Mimus*. O drama de *Rishyaçriñga*. Os paralelos na história de *Percival*. Resultado, a tarefa específica do herói do Graal não como uma invenção literária, mas uma herança da tradição ariana.

Capítulo IV

Tammuz e Adônis 43

Objetivos gerais a serem alcançados pelos Cultos da Natureza. A estimulação da Fertilidade, animal e vegetal. O princípio da Vida basicamente concebido na forma antropomórfica. Este processo já avançado *Rig-Veda*. A mitologia grega preserva o estágio intermediário. O *Eniautos Daimon*. TAMMUZ — representante anteriormente conhecido do Deus Agonizante. Natureza de veneração. A origem do nome. O *Lamento para Tammuz*. Sua morte afeta não apenas a vida vegetal, mas a animal. A falta de representação artística dos Mistérios. A sugestão do Sr. Langdon. O ritual possivelmente dramático. O resumo da evidência. ADÔNIS — o equivalente fenício-grego de Tammuz. Provavelmente, a forma de Culto da Natureza mais popular e mais conhecida. O conto mitológico de Adônis. A investigação na natureza do ferimento. A importância de reconhecer a verdadeira natureza desses cultos e do ritual observado. As diversas datas de celebração. Originalmente, Adônis provável *Eniautos Daimon*. O Princípio da Vida em geral, por esta razão a falta de estabilidade na data. Os detalhes do ritual. Os paralelos com a lenda do Graal examinada. Cavaleiro morto ou Rei incapacitado. Conseqüentes infortúnios da Terra. As Mulheres Carpideiras. A Donzela sem Cabelo. A posição do castelo. Resumo. Os incidentes de uma Antigüidade tão remota podem ser usados como crítica para um texto medieval?

Capítulo V

Formas Medievais e Modernas

de Ritual da Natureza 57

É possível estabelecer a cadeia de descendência, conectando os antigos Rituais arianos e babilônicos com as formas clássicas, medieval e moderna da veneração da Natureza? A sobrevivência do culto estabelecido de Adônis. A Evidência de Mannhardt e Frazer. Os costumes continentais existentes reconhecidos como sobreviventes das crenças antigas. Exemplos. “Diretamente relacionado” ao culto de Átis-Adônis. Von Schroeder estabelece o paralelo entre o cortejo de Fertilidade e o poema *Rig-Veda*. A identificação do Princípio de Vida com o Rei. A prosperidade

Os Segredos do Santo Graal

da terra dependente do rei como representante do deus. Os celtas. Os gregos. Os exemplos modernos, os Reis Shilluk. O paralelo entre o Rei Shilluk, o Rei do Graal e a Divindade da Vegetação. *Sone de Nansai* e o *Lamento para Tammuz*. A identidade da situação. O apelo para a crítica imparcial. A impossibilidade desses paralelos serem fortuitos; o resultado da intenção deliberada, não um acidente de invenção literária. Se a identidade da natureza central for admitida, sua relação com a Terra Devastada torna-se o fator fundamental ao criticar as versões. Outro sobrevivente africano.

Capítulo VI

Os Símbolos 67

Resumo dos resultados de investigação prévia. *O Estágio Medieval*. Os romances do Graal contêm provavelmente o registro de ritual secreto do culto da Fertilidade. Os Símbolos, o culto — Taça, Lança, Espada, Pedra ou Prato. O apelo para tratar os Símbolos como grupo relacionado não como unidades isoladas. A falha em fazê-lo provável causa de resultado insatisfatório de longa pesquisa. Essencial reconhecer a história do Graal como uma totalidade original e tratá-la em seu aspecto *conjunto*. Devemos diferenciar entre a origem e acréscimo. Exemplos. *A Lenda de Longinus*. A Lança e a Taça não associadas na arte cristã. Evidência. *A Haste das Liturgias Orientais* somente uma *Faca*. *A Lança Gotejante*. Os tesouros de Tuatha de Danann. Corresponde a um grupo com os Símbolos do Graal. A dificuldade de igualar Caldeirão-Graal. Pertence provavelmente à diferente linha de tradição. Exemplos dados. O verdadeiro significado de Lança e Taça. Bem conhecidos como Símbolos da Vida. O Samurai. Os quatro símbolos também preservados como jogo de Tarot. Discutida origem do Tarot. Provavelmente atingiu a Europa a partir do Leste. O uso dos símbolos em Magia. Explicação provável desses diversos aparecimentos a ser encontrada no fato de grupos associados serem em um momento os símbolos do culto da Fertilidade. Evidência adicional a ser examinada.

Capítulo VII

A Dança da Espada 79

A relação da Dança da Espada, Dança de Morris e Brincadeira de Disfarce. Sua origem cerimonial então admitida pelos estudiosos. Conexão com Festivais sazonais e Ritual da Fertilidade. Mais primitivos Dançarinos de Espada, o Maruts.

Von Schroeder, *Mysterium und Mimus*. Discussão de sua natureza e funções. Os Kouretes. A natureza de sua dança. A Sra. J.E. Harrison, *Themis*. Os Korybantes. A dança provavelmente sacrificial na origem. O Sali. O elemento dramático em sua dança. Marte, como deus da Fertilidade. Mamurius Veturius. Anna Perenna. A natureza da dança sazonal. Os modernos sobreviventes britânicos. A Dança da Espada. Preservada principalmente no Norte. Variantes. O Sr. E. K. Chamber, *The Medieval Stage*. As brincadeiras de disfarce. Descrição. Natureza. Reconhecida como representativa da Deidade de Morte e Renascimento da Vegetação. Dr. Jevons, *Máscaras e a Origem do Drama Grego*. Danças de Morris. Nenhum

elemento dramático. Vestuário de natureza significativa. Possível sobrevivência de origem teriomórfica. Natureza elaborada de figuras em cada grupo. Os símbolos empregados. O pentagrama. O Cálice. A forma atual mostra deslocação. A probabilidade de que três grupos foram uma totalidade combinada e símbolos unidos. A evidência reforça a visão antecipada no último Capítulo. Os símbolos, originalmente um grupo ligado à forma perdida do Ritual da Fertilidade. A possível origem dos Cavaleiros do Graal a ser encontrada nos Dançarinos da Espada.

Capítulo VIII

O Homem da Medicina 94

O papel do Homem da Medicina ou Doutor no Ritual da Fertilidade. Sua importância e antiguidade. O poema *Rig-Veda*. A evidência clássica, Sr. F. Cornford. Os traços do Homem da Medicina nos romances do Graal. Gawain como Curandeira. A tradição persistente. A possível sobrevivência, a partir de forma pré-literária. A evidência das *Tríades*. Peredur como Curandeiro. Evolução do tema. *Le Dist de l'Erberie*.

Capítulo IX

O Rei Pescador 104

Resumo da evidência apresentada. Necessidade de um elemento de “teste” a ser encontrado em uma figura central. O mistério de seu título. A análise de variantes. A versão de *Gawain*. A versão de *Percival*. Somente Borron tenta a explicação do título. *Parzival*. *Perlesvaus*. *Queste*. *Grande Santo Graal*. A comparação com as variações de ritual sobrevivente. A forma original do Rei morto e devolvido à vida. Idade antiga e temas danosos. As variantes legítimas. Dobra de natureza, um dispositivo literário. Título. Por que *Rei Pescador*? Exame do simbolismo do Peixe. Peixe um símbolo de vida. Exemplos. Indiano — Manu, Vishnu, Buda. Peixe no Budismo. Evidência da China. Orfeu. Evidência babilônica. Tammuz *Senhor da Rede*. Simbolismo judeu. A refeição de Peixe messiânica adotada pela cristandade. Evidência das catacumbas. Fonte das refeições de Peixe de Borron. A tradição misteriosa, não conto popular céltico. Comparação da versão com a história de *Finn*. Com a tradição messiânica. *Epitáfio do Bispo Aberkios*. *Viagem de São Brandão*. Conexão do Peixe com a deusa Astarte. Cumont. Conexão de Peixe e Pomba. Peixe como símbolo da Fertilidade. Seu uso nas cerimônias de casamento. Resumindo a evidência. *Rei Pescador*, inexplicável a partir do ponto de vista cristão. Solução do Folclore insatisfatória. Como sobrevivência de ritual completamente no lugar. Centro de ação e prova de solidez da teoria.

Capítulo X

O Segredo do Graal(1). 122

OS MISTÉRIOS

O Graal considerado como um objeto de reverência. O perigo de falar do Graal ou revelar seus segredos. As passagens em ilustração. Por que, se a

Os Segredos do Santo Graal

sobrevivência de cultos da Natureza, popular e abertamente realizados? Um elemento duplicado nesses cultos, *Exotérico, Esotérico*. Os Mistérios. Sua influência na cristandade a ser seguida nos cultos helenizados em vez de helênicos. Cumont. Rode. Diferença radical entre os conceitos gregos e orientais. Falta de evidência com respeito aos Mistérios na totalidade. A melhor forma certificada que se conectou com os cultos da Natureza. Átis-Adônís. A popularidade do culto frígio em Roma. A evidência quanto aos Mistérios de Átis. Utilizado pelos neoplatonistas como veículo de ensinamento. Conexão próxima com o mitraísmo. O taurobolio. Detalhes dos mistérios de Átis. Os paralelos com os romances do Graal.

Capítulo XI

O Segredo do Graal(2)..... 131

O DOCUMENTO NAASSENE

Relações entre o cristianismo antigo e os cultos pré-cristãos. Antigas heresias. Hipólito e *A Recusa de todas as Heresias*. O caráter da obra. O *Documento Naassene*. A análise do texto do Sr. Mead. Uma síntese dos Mistérios. A identificação do Princípio da vida com Logos. A conexão entre Drama e Mistérios de Átis. A importância dos Mistérios Frígios. A reivindicação Naassena sendo unicamente cristã. O significado da evidência. Os cultos de vegetação como veículo de alto ensinamento espiritual. Os paralelos Exotérico e Esotérico com a tradição do Graal. O processo de evolução esboçado. Bleheris. *Perlesvaus*. Borron e a tradição dos Mistérios. A lenda cristã e folclore secundário não, primário, características.

Capítulo XII

Mitra e Átis..... 142

O problema de conexão próxima dos cultos. Sua aparente divergência. A natureza das deidades examinadas. Átis. Mitra. A festividade messiânica. Dieterich, *Eine Mithrasliturgie*. A diferença entre as duas iniciações. A ligação entre Frígio, Mitraico e Cristão, os Mistérios a serem encontrados em seu mais alto ensinamento esotérico. Mulheres não admitidas à iniciação mitraica. A possível sobrevivência no texto do Graal. A difusão conjunta através do Império Romano. A evidência de Cumonts. Os traços do culto nas Ilhas Britânicas. A possível explicação de caráter não ortodoxo da lenda do Graal. A evidência de sobrevivência do culto no quinto século. A *Elucidação*, um possível registro de fatos históricos. A razão de conectar Graal com a tradição de Artur.

Capítulo XIII

A Capela Perigosa..... 150

A aventura da Capela Perigosa nos romances do Graal. Forma *Gawain*. A versão de *Percival. Queste. Perlesvaus. Lancelot. Chevalier à Deux Espées*. Cemitério Perigoso. Primeiras referência em *Chastel Orguellous. Âtre Perilleus. Prose Lancelot*. A aventura parte do 'Segredo do Graal'. A Capela de Santo Austin. *Histoire de Fulk Fitz-Warin*. Registro genuíno de uma iniciação. Norte da Bretanha, um local provável. Local dos remanescentes dos cultos de

Mitra-Átis. Traços da tradição dos Mistérios no romance medieval. *Owain Miles*. Bousset, *Himmelfahrt der Seele*. Os paralelos com o romance. O apelo dos estudiosos célticos. Jornadas a outros mundos uma sobrevivência possível da tradição dos Mistérios. Os Templários eram Naassenos?

Capítulo XIV

***Considerações Finais*..... 161**

Procedência e autoria da tradição romântica do Graal. Pontos de evidência para o País de Gales, provavelmente Pembrokeshire. Forma primordial contida no grupo de poemas de *Gawain* designados a Bleheris. Da origem gaulesa, mestre Blihis, Blihos, Bliheris, Bréri, Bledhericus. Provavelmente, todas as referências a mesma pessoa. Condições de identidade. Sr. E. Owen e Bledri ap Cadivor. A evidência não completa, mas preenche as condições do problema do professor Singer e possível natureza do texto Bleheris. Sr. Alfred Nutt. Os paralelos irlandês e gaulês. Recapitulação do processo evolucionário. Resumo e conclusão.